

Lucy Dillon

um pequeno 
 gesto de
gentileza

... pode fazer do mundo um lugar melhor



*“Agridoce e
comovente.”*

– JOJO MOYES





um pequeno
gesto de
gentileza

Capítulo 1

Arthur ergueu a cabeça para Libby, os olhinhos redondos expressando o que seus tutores já idosos eram educados demais para dizer: “Você não fez a nossa reserva, né?”

Do outro lado do balcão de carvalho polido da recepção, Libby sentiu a mão gelar enquanto percorria o sistema de check-in no computador do hotel Swan. Olhando para Arthur, ela pensou: *Ele sabe. Ele sabe que não temos registro da reserva, que no momento não há nenhum quarto em condições de receber hóspedes e que eu secretamente acho que cães não deveriam sequer ser permitidos em hotéis, muito menos em cima de camas.*

O dachshund abanava o rabo de um lado para outro, como um chicote, e inclinou a cabeça como se confirmasse que ela tinha razão. Particularmente quanto a cachorros em cima de camas.

Libby piscou com força. *É só um salsicha*, lembrou a si mesma, *não um fiscal.*

Se bem que, segundo os fóruns de hotelaria, nunca se sabe...

– São duas noites, está em nome de Harold – repetiu a Sra. Harold, passando a bolsa para o outro braço. – Algum problema? Nós saímos de casa às oito para chegar aqui.

– Viemos de Carlisle – explicou o Sr. Harold. – Foram três baldeações de trem, mais um ônibus. Precisamos de uma boa xícara de chá.

– Sinto muito.

Finalmente desviando o olhar de Arthur, Libby forçou um sorriso caloroso na esperança de disfarçar seu pânico enquanto via os quartos passarem diante de seus olhos em flashes. Ela dera início à Operação Limpeza

Profunda duas horas antes, *justamente* porque o hotel estava vazio, e naquele momento nenhum dos quartos estava com uma cama no lugar, muito menos um conjunto de travesseiros impecavelmente afofados. Ela e Dawn, a faxineira, haviam movido todos os móveis para dar um jeito no carpete, já que, como Dawn apontara, era tanto pelo de cachorro acumulado sob as camas que daria para tricotar vários cobertores. Libby afastou esse pensamento.

– Meu marido e eu assumimos o hotel no mês passado e ainda estamos nos acertando com o sistema de reservas – explicou ela.

O Sr. Harold tossiu e passou a mão no cabelo grisalho com um ar desconfortável, confirmando a suspeita que vinha lentamente se formando na mente de Libby desde que ela descera as escadas correndo para atender o sininho da recepção.

– Eu não gostaria de... – começou ele. – Acho que tem alguma coisa no seu cabelo.

Libby passou a mão casualmente no cabelo loiro. Sim. Era *mesmo* uma teia de aranha. Das grandes.

– É que estamos no meio de uma reforma – explicou ela, tentando discretamente tirar a teia dos dedos. Se Dawn colocasse uma cama de volta no lugar e fechasse todas as portas, quem sabe não conseguiriam preparar um quarto... – Muito bem, onde estávamos? – Se ao menos o computador colaborasse... – Vocês têm certeza de que era para *24 de abril*?

– Sim! Eu passei um tempão falando com a recepcionista ao telefone. Uma senhora mais velha.

Uma senhora mais velha. Agora tudo fazia sentido.

– Aaaaah, sim...

Libby esticou o braço por baixo do balcão para pegar o livro de reservas caindo aos pedaços, inclinando-o de modo que os Harolds não vissem as colunas de sexta e sábado em branco. Não havia nenhuma outra reserva, nem a lápis, nem em post-its, nem em qualquer outro tipo de registro improvisado que sua sogra, Margaret, costumava utilizar – isso porque antes ela sequer deixava algo escrito. “Donald e eu nunca anotamos nada”, insistia Margaret. “Quando o hotel é seu, você simplesmente *sabe* quem vem.” O problema, pensou Libby enquanto examinava o livro em vão, era que o hotel de Margaret não era mais o hotel de Margaret. Agora era o hotel *deles*: Libby, Jason e Margaret. E já não vinha quase ninguém.

A planilha de reservas foi apenas uma das ideias que Jason apresentou quando ele e Libby foram morar no hotel para ajudar Margaret após a morte repentina de Donald. Só que, assim como acontecia diante da maioria dos esforços do casal para facilitar a vida de Margaret, ela encarou aquilo como uma crítica pessoal. A sugestão de criar um site também não foi bem recebida (“Seu pai não estava nem um pouco convencido em relação à internet, Jason...”), nem as ideias de separar alguns quartos para hóspedes sem cachorro ou incluir croissants no café da manhã.

Praticamente todos os dias Libby sentia um aperto no peito ao pensar em Margaret, que de repente parecia sem cor e perdida na ausência do alegre e sensato Donald, que ela havia atazanado e amado por 35 anos. Mas o hotel Swan precisava urgentemente de atenção. Tanto em termos financeiros quanto no que se referia a higiene. Para que pudessem dar início à limpeza geral sem uma Margaret de coração partido argumentando que os hóspedes não eram como eles, de ficar “paranoicos por causa de um pelinho ou outro”, Jason teve que levar a mãe ao hipermercado Waitrose para uma divertida manhã de compras, deixando Libby encarregada do hotel e da operação de guerrilha que seria limpar o local. Sem falar no presunçoso basset hound de Margaret, Bob, que estava trancado no escritório em segurança. Libby não queria nem pensar no que ele poderia estar fazendo lá dentro.

– Que diferença isso faz? Não é possível que não tenha um quarto disponível – disse o Sr. Harold, olhando a recepção deserta.

Ele fez contato visual com algo pendurado acima da porta do saguão, desviou o olhar e, ao se dar conta do que se tratava, olhou novamente: uma cabeça de veado toda comida por traças.

Libby suspirou. Margaret estava relutante quanto ao livro de reservas, mas isso não era nada comparado à resistência que tinha em relação aos planos de modernizar a decoração. Jason tinha crescido no Swan e não se importava com os cardos que iam de uma parede à outra nas áreas comuns, e Libby até gostava de seu charme sombrio quando eles vinham de Londres algumas vezes por ano, mas, agora que todo o resto de suas economias estava atrelado àquele ambiente velho e infestado de veados, ela estava com os nervos à flor da pele. Libby adoraria descobrir como convencer Margaret a deixá-los prosseguir com a reforma que haviam combinado quando venderam tudo e se instalaram lá, para que eles mesmos pudessem recomeçar.

Assim, graças à relutância de Margaret e ao meticuloso planejamento financeiro de Libby e Jason, os dois vinham cuidando de um cômodo por vez, sozinhos, à noite. Os quartos tinham um estilo mais casa da vovó do que *Coração valente*, e eles haviam passado o mês anterior arrancando o papel de parede cor-de-rosa todo estampado do quarto 4, substituindo-o por camadas de tinta cinza-claras e por roupa de cama mais suave. Libby havia reunido inúmeras referências do visual luxuoso do qual, segundo eles, o hotel precisava, caso a intenção fosse atrair uma clientela com poder aquisitivo mais alto. Ou qualquer clientela, na verdade. As economias de Jason e Libby tinham sido suficientes para resgatar Margaret das garras do banco, mas não havia sobrado muito para salvar o hotel da devastação do tempo.

Nenhum dos dois tinha experiência com trabalhos manuais – Jason era corretor da bolsa de valores e Libby, pesquisadora de conteúdo para TV –, mas mesmo assim o quarto 4 tinha ficado muito bom. E ela havia gostado bastante de ver Jason empunhando uma lixadeira, com as mangas arregaçadas e o cabelo loiro escurecido pelo suor. Antes, ele estava sempre de terno ou com suas roupas velhas de fim de semana. Além do mais, assim eles tinham um tempo a sós para conversar. E para não conversar também, às vezes; apenas trabalhar lado a lado, com uma exaustão satisfeita, sabendo que cada tábua esfregada ou cada peitoril de janela lixado era um passo à frente. O quarto 4 era o começo de algo precioso, Libby se forçou a lembrar. A prova de que recomeços às vezes vinham disfarçados de finais infelizes.

Como se pudesse ler a mente de Libby, a Sra. Harold disse:

– A senhora com quem falamos ao telefone informou que nos daria um quarto reformado. Quarto 4, eu acho. O Arthur gosta de colchão firme, por conta das costas, e eu fiquei sabendo que o 4 tem um de espuma novinho.

– É verdade! O quarto 4 é... – Libby começou a dirigir sua resposta ao Sr. Harold, mas rapidamente se deu conta de que Arthur não era ele, e sim o outro hóspede que naquele momento farejava o cesto de roupa suja e... *Ah, que ótimo. Agora ele está levantando a pata traseira.* – O quarto 4 talvez... há... talvez ainda precise de um ou dois dias para arejar. Tinta fresca – concluiu ela, da maneira mais convincente que conseguiu.

Arthur abanou o rabo para ela, mas Libby não se comoveu. Pelos de

cachorro não faziam parte do plano, apesar da insistência obstinada de Margaret de que os quartos para cães eram sua marca registrada.

– Posso dar a vocês um quarto lindo no térreo – continuou ela. – Com vista para o jardim...

– O que foi isso? – O Sr. Harold ergueu o dedo no ar e inclinou a cabeça em direção à porta.

– Pode ter sido a nossa faxineira, lá em cima – esclareceu Libby.

Dawn estava tirando o máximo proveito do limpador de carpete alugado. A água cor de piche que saía do aparelho as deixava hipnotizadas.

– É só agora na parte da manhã. Não vamos incomodá-los mais tarde – continuou ela.

– Não, com certeza foi algo lá fora – disse ele. – A menos que eu esteja ouvindo coisas.

– Às vezes você bem que podia ouvir o que eu digo... – murmurou a Sra. Harold.

Libby parou e prestou atenção. Nada além do som do limpador de Dawn. E alguns ruídos ameaçadores vindos do escritório. Ela lembrou, tarde demais, que havia deixado biscoitos deliciosos lá dentro. Os mesmos que deveriam estar no saguão, para os hóspedes.

– Isso foi uma freada de carro? – perguntou o Sr. Harold.

Então todos ouviram: um inegável grito de mulher. Um ganido fino e decrescente que rasgou o ar. Libby sentiu um nó na garganta. O hotel ficava em uma curva e a entrada para o estacionamento não era muito aparente, então os carros que diminuía a velocidade para tentar encontrá-la corriam o risco de serem atingidos por alguém vindo na direção contrária. Os habitantes locais, é claro, conheciam a rua e por isso não precisariam (Margaret lhes havia garantido) do espelho de segurança que Libby achava que deveriam instalar urgentemente.

– É melhor eu ir ver se está tudo bem. Vocês poderiam aguardar no saguão enquanto isso?

Ela saiu de trás do balcão, pegando o celular no caminho, e cruzou a recepção para abrir a porta que dava para o saguão. Mais xadrez, mais sofás molengos, mas pelo menos Dawn já tinha limpado aquela área e Libby havia substituído os exemplares da *Country Life* do século anterior por algumas revistas mais recentes.

– Se vocês e... hã... o Arthur quiserem relaxar um pouquinho aqui e tomar chá ou café, fiquem à vontade, eu não demoro.

Os Harolds lançaram um olhar nervoso em direção à cabeça do veado e seguiram sob o seu olhar vítreo rumo ao conforto do saguão cafona.



Lá fora, o brilho do sol irradiando através das árvores fez Libby estreitar os olhos, mas estava bem claro o que havia acontecido na estrada principal.

Uma caminhonete 4x4 e um Mini vermelho estavam parados em ângulos estranhos, como carrinhos de brinquedo abandonados por uma criança entediada: a caminhonete no meio da pista, sem sinal de motorista, enquanto o Mini estava inclinado para cima em direção à mureta de pedra. Um homem saía do Mini, aparentemente em choque.

Foi sua expressão de culpa que provocou um calafrio em Libby. O que quer de terrível que tivesse acontecido estava claramente refletido no rosto dele.

– Você está bem? – gritou ela. – Quer que eu chame uma ambulância?

O homem fez que não com a cabeça. Tinha cabelo escuro, a barba por fazer e provavelmente uns 30 anos. Libby procurou memorizar detalhes, para o caso de ser chamada a depor como testemunha – e foi quando viu o que ele estava olhando.

Pés descalços no asfalto, parcialmente escondidos pelas rodas da caminhonete. Libby avistou um chinelo preto do outro lado da estrada.

Sentiu um aperto no peito. Os pés eram compridos e muito brancos, pés femininos, e as panturrilhas estavam salpicadas de pequenas gotas de sangue.

– Eu não a vi – dizia o motorista do Mini, esfregando o rosto em incredulidade. – O sol estava batendo nos meus olhos. Ela estava no meio da pista...

Libby deu a volta na caminhonete, onde o motorista estava curvado sobre o corpo de uma jovem. Um homem mais velho, notou, prestando atenção nele para não olhar para baixo. Cabelos grisalhos, na faixa dos 50 anos, camisa xadrez e calça de veludo cotelê. Provavelmente era um fazendeiro. Ótimo. Ele saberia o que fazer. Não teria medo de sangue.

Diferente de Libby, que ficava completamente nauseada. A mudança para o interior não tinha ajudado. Parecia haver uma quantidade absurda de atropelamentos de animais em Longhampton.

Não seja tão covarde, disse a si mesma. *Quem mais vai ajudar?*

– Ela está respirando? – Libby se aproximou. – Ela... está bem?

– O Mini foi em cheio nela, e por pouco eu não a peguei também – disse o homem, fazendo careta. – Passou por cima do capô dele e caiu direto na pista. Deu uma pancada forte com a cabeça. Não sei se quebrou alguma coisa, mas está apagada, pobrezinha.

A mulher estava encolhida como se cochilasse, o cabelo castanho-escuro espalhado ao redor da cabeça e a saia jeans subindo pelas coxas e deixando os joelhos à mostra. As unhas dos pés estavam pintadas de rosa-chiclete, a única cor forte nela. Todo o resto era apagado: saia escura, cabelo escuro, camiseta preta de manga comprida, embora fosse um dia ensolarado.

Um pensamento alarmante passou pela cabeça de Libby: *Ela parece a Sarah*. De repente lhe veio um instinto de proteção. Sabia que não era sua irmã mais nova, pois Sarah estava em Hong Kong, mas algo vulnerável no rosto da jovem mexeu com ela. A suavidade da pele, as sardas castanhas, os cílios longos como os de uma boneca. Libby se inclinou para a frente, ignorando a sensibilidade ao sangue, e tocou de leve o pescoço pálido da mulher.

A pele estava fria, mas ela sentiu pulsação. Libby deixou escapar um suspiro e se deu conta de que seu coração batia acelerado.

– Está tudo bem, ela tem pulso. Vocês chamaram a polícia? E uma ambulância?

– Vou fazer isso agora – disse o homem, que então se afastou e voltou para o carro.

Libby não conseguia tirar os olhos da mulher, mas sua mente estava a toda, lançando informações práticas para distraí-la do pânico. Libby havia feito um curso de primeiros socorros de um dia, por conta do hotel (para seu alívio, as aulas foram quase inteiramente teóricas, sem envolver sangue), e aprendido o básico. *Não a mova, pode haver lesão na coluna. Via aérea: desobstruída. Ótimo*. Não parecia haver sangue, embora seu braço esfolado estivesse em um ângulo esquisito, muito pálido em comparação com o asfalto escuro e áspero, cruzando a faixa branca.

A faixa branca. Libby se levantou de um salto, gesticulando para o motorista do Mini.

– Precisamos parar o tráfego antes da curva. Você tem um triângulo de sinalização, não tem?

Ele não se mexeu, continuou olhando para o corpo imóvel, hipnotizado pelo que havia acontecido de forma tão repentina, naquela manhã que até então tinha sido como todas as outras. Libby também teria olhado, mas estava ciente da importância de cada segundo para a vítima no chão. Um caroço do tamanho de um ovo de pato começava a surgir na têmpora da mulher e a pele ao redor de seus olhos estava ficando arroxeadada. Libby tratou de não pensar nos possíveis ferimentos internos.

– O triângulo! Pega logo! Você quer que outra pessoa se machuque batendo no seu carro?

Ele abriu a boca para falar, mas logo desistiu e foi correndo até o porta-malas. Libby se abaixou para tentar esconder o próprio choque.

– Está tudo bem – murmurou, colocando a mão no ombro da mulher. Era uma das coisas que o professor de primeiros socorros dissera: “Continue falando, mantenha contato, mesmo que você ache que a pessoa não pode te ouvir.” – Não se preocupe, a ambulância está a caminho. Você vai ficar bem. Vai ficar tudo bem.

Fez-se novamente silêncio, exceto pela conversa do fazendeiro com a polícia ao telefone e pelo canto dos pássaros nas árvores ao redor. Algo tão dramático não deveria estar acontecendo em um ambiente tão tranquilo, pensou Libby. Em Londres, já haveria sirenes, aglomeração, palpites, gente se aproximando para ajudar ou para olhar. Em Longhampton, havia apenas muitos pássaros. Talvez uma ovelha ao longe.

Aquilo fez com que se sentisse responsável pelo incidente.

– Aguenta firme – murmurou ela, tentando não enxergar a irmã mais nova no rosto da moça. – Você vai ficar bem. Eu não vou sair daqui enquanto você não estiver dentro da ambulância. Prometo. Estou aqui.

O que mais podia fazer? Então olhou para os pés descalços da mulher e tirou seu casaquinho de caxemira azul para cobri-los. Era estranho que ela estivesse passando a pé por ali, ainda mais de chinelo. Não havia calçada naquele lado da pista e o hotel ficava a uma longa caminhada da cidade. O máximo que Libby via, às vezes, era gente passeando com o

cachorro. Uma trilha atravessava o terreno, uma das rotas que compunham a Longhampton Apple Trail, mas a mulher com certeza não estava indo para lá, senão estaria de galochas. Afinal, as trilhas ainda estavam bem lamacentas, como Libby bem sabia por causa de suas caminhadas com o cachorro de Margaret.

Será que ela estava indo para o hotel? Libby não viu nenhuma bolsa. E definitivamente não havia reserva para uma mulher solteira no hotel naquele dia – a não ser que tivesse sido feita por Margaret...

Ela olhou o relógio: quase dez para uma da tarde. Jason não tinha dito a que horas ele e a mãe voltariam. Margaret gostava de prolongar seus passeios pelo Waitrose: não só preferia os produtos de melhor qualidade como aquilo também lhe dava a chance de exibir Jason, seu filho bem-sucedido e especialista em finanças, para as inúmeras amigas que também gostavam de passar a manhã fazendo compras. Libby não queria que Margaret ficasse assustada com o acidente, mas ao mesmo tempo não queria que os Harolds saíssem explorando o hotel sem supervisão, não com o caos que reinava no segundo andar. Tinha sido uma ideia idiota mexer em todos os quartos de uma vez, pensou, se martirizando. Erro de principiante: pensar como a dona de uma casa, não de um hotel.

Libby se agachou, constrangida por estar obcecada pela logística de limpeza enquanto a desconhecida inconsciente poderia estar gravemente ferida.

– Está tudo bem – sussurrou ela, torcendo para que a mulher a ouvisse e soubesse que alguém estava tentando ajudá-la. – Não vou deixar você sozinha.

Ela cantarolou desafinada, um pouco para conter o próprio pânico que só crescia, até que ouviu passos se aproximando. Libby ergueu a cabeça bruscamente, na expectativa de que houvesse uma tranquilizadora figura de uniforme ou ao menos o fazendeiro de volta com alguma atualização. Em vez disso, viu o corpo largo de Jason caminhando na direção delas e o alívio a invadiu como o sol saindo de trás das nuvens.

Jason parecia apreensivo, mas não preocupado – não era seu estilo. No entanto, ao se aproximar, franziu a testa e passou a mão pelo cabelo loiro – cabelo de palha de garoto da fazenda, como Libby costumava dizer para provocá-lo quando os dois se conheceram. As madeixas grossas e rebeldes nunca combinaram com seu terno de risca de giz. Agora, com a camisa

xadrez e a calça jeans, ornavam muito bem. Ele havia se encaixado novamente naquele local como se nunca tivesse saído de lá.

– Aconteceu algum acidente? Eu vi o triângulo pouco antes da curva que dá para o estacionamento, aí saímos do carro e... – Ele arregalou os olhos ao ver a mulher no chão. – Meu Deus! O que houve? Você está bem, amor?

– Não. – Libby se levantou cambaleante. Sentia-se tonta. – Quer dizer, eu estou bem, mas acho que ela, não.

– Ei, vem cá. Você está branca feito papel.

Jason a abraçou, dando beijos tranquilizadores na sua cabeça enquanto acariciava suas costas, e Libby sentiu os ombros relaxarem. O toque dele era reconfortante; seus corpos se encaixavam perfeitamente, o topo da cabeça dela batia exatamente na altura do queixo dele. *Ainda bem que Jason chegou*, pensou, e se deu conta de como isso fazia sentido de tantas maneiras.

Então, quando estava prestes a perguntar se Margaret tinha ido direto para o hotel, Libby viu a sogra carregando duas sacolas de compras. De início, parecia a Margaret de sempre – exigente, roupas impecáveis, andando de lá para cá –, mas o sorriso que havia começado a se abrir em seu rosto redondo desapareceu quando ela viu a cena. De uma hora para outra, ela pareceu mais velha, mais perto dos 70 anos do que dos 60. Colocou as sacolas no chão e cobriu a boca. Seus olhos, de um azul-claro raro como os de Jason, estavam repletos de horror.

– Ai, meu Deus! – A voz dela saiu como um lamento. – O que aconteceu?

Libby desejou que a sogra não tivesse visto aquilo. Fazia apenas seis meses desde que Donald havia desmaiado na recepção e morrido de um infarto fulminante antes que a ambulância chegasse. Margaret estava sozinha. Da noite para o dia, sua confiança havia desaparecido, deixando em seu lugar um nervosismo que poderia facilmente se transformar em lágrimas de medo. Libby se soltou do abraço de Jason e deu um passo em direção a Margaret, bloqueando sua visão.

– Não sei. Eu não vi. Cheguei aqui e encontrei os dois carros e essa moça no chão. Não se preocupe, nós chamamos uma ambulância e a polícia está vindo. – Libby baixou os olhos enquanto falava. Era estranho falar por cima do corpo da mulher como se ela não estivesse ali. – Com certeza ela vai ficar bem – acrescentou, caso a mulher pudesse ouvir.

– Parece que você fez tudo o que podia.

Jason pairava entre a esposa e a mãe, sem saber quem confortar primeiro.

Libby deu uma cotovelada nele e murmurou, olhando para Margaret:

– Leva sua mãe pra dentro. Tem um casal esperando no saguão... Você pode resolver a situação deles? São os Harolds. Eles insistem que reservaram para o fim de semana, mas não tem nenhum registro no computador.

Jason deu um suspiro de irritação.

– Não – disse Libby –, não cria caso com isso. Só precisamos alojá-los em algum lugar. Vê se a Dawn já terminou algum quarto. Ou então tenta o 7: ainda não tínhamos começado a mexer no carpete.

– Tem alguma coisa que a gente possa fazer? – perguntou Margaret num tom corajoso, mas com uma ponta de lamento.

– Não, eles estão a caminho, Margaret. Vai lá pra dentro. Vai logo, Jason, antes que a sua mãe os leve para o quarto 4. Eles têm um *cachorro*.

Jason arregalou os olhos à menção do quarto 4.

– Não precisa dizer mais nada. – Ele apertou o ombro dela. – Mas você não quer mesmo que eu fique aqui até a polícia chegar? Você já fez o que podia.

Libby queria aceitar a oferta, mas sentia uma estranha relutância.

– Não, tudo bem. Eu disse que ia ficar aqui com ela e é isso que vou fazer.

– Como ela se chama?

– Hum... Não sei.

– Cadê a bolsa dela?

Eles olharam ao redor: não havia nenhuma à vista.

– Vou ver ali perto da mureta – disse Jason.

– Não, eu faço isso assim que a polícia chegar. Você resolve a situação dos hóspedes. E fique de olho na sua mãe, para que ela não deixe o Bob entrar no saguão de novo. Passei a manhã inteira aspirando aquele sofá. Esse cachorro já era para estar *careca*, de tanto pelo que solta por aí.

Jason abriu a boca para responder, mas naquele momento Libby ouviu as sirenes rasgando o ar ao longe, e a angústia latente no rosto de Margaret acabou com qualquer incômodo que ainda persistisse em relação ao sistema de reservas.



Os paramédicos trabalharam depressa para atender a mulher ferida e, enquanto preparavam a maca, uma viatura da polícia chegou. Dois policiais começaram a entrevistar os motoristas, isolando a área e transmitindo instruções pelo rádio.

Toda aquela atividade tão bem organizada era tranquilizadora depois da sensação de impotência. Libby foi e voltou pela rua em busca da bolsa da mulher, mas não a encontrou. Em seguida, não sabia ao certo o que fazer. Não estava envolvida no acidente, mas não queria sair de lá sem saber o que aconteceria com a moça. Os paramédicos envolveram a vítima em um cobertor e puseram uma máscara de oxigênio sobre seu rosto pálido. Ela parecia muito menor debaixo da manta.

– A senhora presenciou o acidente?

Libby deu um pulo de susto. Um jovem policial estava bem ao lado dela. Ele tinha um sotaque local, com as vogais arrastadas que faziam Libby pensar em tratores, campos e pomares de maçã. O sotaque de Jason, amenizado pelos anos vivendo em Londres, já havia começado a se mostrar novamente, graças principalmente a toda a conversa que vinha colocando em dia no Bells com seus antigos colegas. Nenhum deles já havia conseguido ficar mais de dois anos fora de Longhampton.

– Não, eu ouvi o barulho lá de dentro do hotel – explicou ela, apontando para a construção. – Meu nome é Libby Corcoran, somos os proprietários do hotel Swan. Quando eu cheguei aqui, tudo estava exatamente como você está vendo agora.

– Então a senhora não conhece essa mulher?

– Não, nunca a vi.

– A senhora pegou a bolsa dela?

– Eu não encontrei. Dei uma olhada perto da mureta, mas parece que não tem nada. Pode ter rolado na direção do campo.

O policial pareceu frustrado.

– Eu estava torcendo para que a senhora tivesse encontrado a bolsa. Isso vai dificultar bastante as coisas. Ela não tem identificação.

Libby ficou surpresa.

– Nada? Nem celular? Você olhou embaixo dos carros?

– Já vasculhamos o local, não tem nada. E a senhora está me dizendo que com certeza nunca viu essa mulher antes, certo?

– Com certeza – repetiu Libby. – Por que a pergunta?

Ele franziu a testa.

– Porque a única coisa que os rapazes da ambulância encontraram foi o seu endereço, no bolso dela. Estava anotado num papel.

– O *meu* endereço?

A conexão inesperada entre elas a assustou. Por que aquela desconhecida teria o endereço deles? Estavam a quilômetros de distância de Wandsworth.

– Sim. – O policial pareceu surpreso com a reação de Libby. – A senhora disse que é proprietária do hotel, não é?

– Ah, sim, claro, o hotel. – O que ela estava pensando? A casa não era mais dela. Alguém estava usando sua bela cozinha naquele exato momento. Outro alguém estava mergulhado em sua banheira. Ela balançou a cabeça, afastando aqueles pensamentos. – Desculpa, ainda estou me acostumando com o novo trabalho. Estamos aqui faz só alguns meses.

O policial deu um sorriso educado.

– Bem que eu achei que a senhora não parecia ser daqui.

– Se eu ganhasse cinco pratas toda vez que me dizem isso... – começou Libby, mas parou antes de completar com: ... *teria o suficiente para pagar algumas contas.*

Mas o frisson causado pela conexão ainda estava lá: aquela desconhecida de cabelos escuros e pernas à mostra tinha escrito o nome do hotel em um papel, havia pesquisado sobre o local. Estava indo até eles. Mais dois minutos e estaria cruzando a porta e nada daquilo seria um mistério. Ela era uma estranha para Libby, mas sabia seu nome e o de Jason. Os pelos dos braços de Libby se arrepiaram.

– Não temos nenhuma reserva para hoje – disse ela.

– Talvez ela estivesse vindo atrás de trabalho. Vocês anunciaram alguma vaga recentemente? Para faxineira? Cozinheira?

– Não, nada. Não vamos contratar ninguém.

Longe disso. Quando Jason examinou os cadernos de contabilidade, não deu para definir se teriam dinheiro para manter as duas faxineiras de meio período.

– Vai ver ela estava indo encontrar alguém no hotel. – O policial franziu as sobrancelhas. – Um amigo? Namorado?

– Fique sabendo – disse Libby em tom jocoso – que aqui não é *esse*

tipo de estabelecimento. – Ao perceber que as orelhas do policial ficaram vermelhas, ela se deu conta de que tinha ido longe demais. Aquele tipo de piada era coisa da cidade. – Não recebemos hóspedes inesperados e não servimos almoço nem jantar, então não há muitas visitas imprevistas. – Ela se apressou em acrescentar. – Mas com certeza vou ficar de olho caso alguém apareça procurando por ela.

– Se puder nos ligar, eu agradeceria.

O policial começou a anotar o contato dela, e, com o canto do olho, Libby viu a maca sendo colocada na traseira da ambulância. Ela notou a mulher quase invisível sob os cobertores, a não ser pela cascata de cabelos castanhos que fazia Libby se lembrar da franja da irmã, sempre caindo nos olhos, e sentiu uma pontada de culpa: havia prometido que ficaria com ela.

– Será que eu deveria ir com ela? Até o hospital? – perguntou. – Ela vai ficar bem sozinha?

– É muito gentil da sua parte se oferecer, mas não há muito espaço nessas ambulâncias, e eles vão querer encaminhá-la direto para uma tomografia. – O rádio do policial chiou. Antes de se virar para atender, ele disse: – Eu tenho seus dados... E, se descobrir mais alguma coisa, me ligue.

– Está bem. – Libby viu as luzes azuis da ambulância se acenderem novamente e sentiu um frio por dentro, pensando nas pernas esfoladas, nas unhas cor-de-rosa da mulher. Os flashes de cor em sua pele tão pálida. – Eu só queria... poder fazer mais alguma coisa.

– Você fez bastante só de ficar com ela aqui e nos chamar o mais rápido que pôde... – Ele verificou suas anotações e concluiu: – Sra. Corcoran.

– Libby – corrigiu ela. – Não foi nada. O que mais eu poderia fazer? – O outro policial olhava para ela agora, de pé ao lado do motorista carrancudo do Mini, que segurava um bafômetro e tentava não chorar.

– Muita gente não faz nada, acredite. A senhora nem imagina. Muito bem, então. Peça para alguém lhe preparar uma xícara de chá bem docinho, hein? – acrescentou ele, tocando-a de leve no braço. – O choque provavelmente vai atingi-la quando se sentar. Nem sempre vem na hora. Mas a senhora agiu muito bem.

Libby esboçou um sorriso. A bondade dele, não o choque, estava fazendo seus olhos se encherem d'água.

A sirene da ambulância soou, sobressaltando Libby enquanto o veículo

acelerava. Ela ficou observando até que eles desaparecessem, então abraçou com força o próprio corpo.

– Entraremos em contato se houver algum... desdobramento – disse o policial.

E, com um aceno de cabeça na palavra “desdobramento”, a realidade do que havia acontecido finalmente a atingiu, bem no peito, provocando um calafrio que percorreu seu corpo inteiro.

CONHEÇA OS LIVROS DE LUCY DILLON

Lições inesperadas sobre o amor

100 pedaços de mim

Um pequeno gesto de gentileza

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

